

A movimentação da alma humana em busca do Absoluto

The movement of the human soul in the search of the Absolute

Paulo Thomas Korte

Resumo: O presente trabalho demonstra a inquietação do ser humano com ele mesmo na tentativa de reduzir a sua angústia. A sua angústia de compreender de onde vem, o que é e para onde vai. O ser humano composto de uma parte material (corpo) e outra parte imaterial (alma) procura chegar a um lugar onde não há mais sensação de falta, onde há plenitude e satisfação. Muitas filosofias e religiões indicam que há este lugar, e que é possível nele chegar. Há inúmeros caminhos para se chegar lá. Além disso, o presente trabalho questiona se há necessidade de seguir alguém para chegar a este Absoluto ou se é possível chegar só, sem qualquer tipo de imitação. Super-Homem, Absoluto, 7º grau da alma, Self, excelência moral, são nomes diferentes para dizer a mesma coisa? Animus, Anima os arquétipos masculinos e femininos, e a Sombra como estágios do caminho junguiano para se encontrar o Self.

Palavras Chave – Absoluto – Amor – Evolução do ser humano – Animus – Anima – Super-Homem – Excelência moral – mestre – professor – discípulo.

Abstract: This study demonstrates the inquietude of the human with himself in trying to reduce his anxiety. His anxiety comes from the comprehension where he comes from, what he is and where he goes. The human, composed by a material part (body) and another immaterial part (soul), tries to reach a place where there is not any feeling of missing but where is plenitude and satisfaction. Many philosophies and religions show that this place exists and it is possible to reach it. There are many ways to reach it. More than that, the present study questions if there is some need to follow someone to reach the Absolute or if it is possible to reach it by yourself without any kind of imitation. Übermensch or “Superman”, Absolute, 7th grade of soul, Self, excellence, are these all names for the same thing? Animus, Anima, the male and female archetypes, the Shadow as the levels to the Jungian way to find the Self.

Keywords: Absolute – Love – Evolution of the human being – Animus – Anima – Übermensch or “Superman” – Moral Excellence – master – professor - disciple

Sumário: 1. Introdução. 2. Alma e corpo. 3. Para onde vamos. 4 Conclusão

1. Introdução

A existência do ser humano, pelo método cartesiano, estaria comprovada através do pensamento. Todavia é possível transpor os limites cartesianos propostos pela ideia “penso logo existo”. Isso porque, antes de chegar a essa conclusão, Descartes em seu método de dúvida,

entendeu a possibilidade hipotética de Deus poder ter inclusive colocado no ser humano a ideia fictícia de que pensava, ou seja, o próprio movimento do pensar seria uma ilusão criada por Deus.

Após afirmar isso, Descartes dá um passo atrás no seu raciocínio, e conclui, pelo argumento da fé, que Deus não teria feito isso porque ele é bom. Se admitisse a possibilidade contrária, de um Deus mau, Descartes não poderia ter chegado à conclusão que chegou sobre a sua existência, na medida em que o próprio movimento do pensar poderia ser uma ilusão.

Nietzsche a respeito desta ideia cartesiana:

...por meio do pensar é posto o eu; mas até agora se acreditou, como o povo, que no “eu penso” jaz algo imediatamente certo e que esse “eu” seria a causa dada do pensar, e por analogia com ela todos nós entenderíamos as outras relações causais. Por mais que essa ficção agora possa ser costumeira e indispensável – isso, somente, não prova nada contra o seu caráter fictício: uma crença pode ser condição da vida e, apesar disso, ser falsa. “É pensado: conseqüentemente há pensante”: a isso chega a argumentação de Cartesius. Mas isso significa postular nossa crença no conceito de substância a como “verdadeira a priori” – que, quando seja pensado, deva haver alguma coisa “que pense” é, porém, apenas uma formulação de nosso hábito gramatical, que põe para um fazer [Tun] um agente [Täter]. Em resumo, aqui já se propõe um postulado lógico-metafísico – e não somente há constatação...Pelo caminho de Cartesius não se chega a algo absolutamente certo, mas só a um fato de uma crença muito forte.”... “...desta forma não se pode repudiar a “aparência” do pensamento. Cartesius, porém, queria que o pensamento não tivesse apenas uma realidade [Realität] aparente, mas uma em si.”

Esta crítica mostra que Descartes limita a amplitude de sua dúvida da existência, com a conclusão de que é o seu pensar que o faz existir. Porém, como foi dito, se continuássemos no processo da dúvida, sem a limitação da crença cartesiana da existência de um Deus bom, poderíamos concluir, pelo menos hipoteticamente, sobre a inexistência do ser, ou pelo menos de uma existência diferente daquela percebida e conceituada pelo pensamento, ou ainda, uma possibilidade de existência.

Bertrand Russel questiona: “*Haverá algum conhecimento no mundo que seja tão certo que nenhum homem razoável possa dele duvidar?*”¹, enfatizando, inclusive, a possibilidade da matéria não existir, o que, em si, em um primeiro momento pareceria um absurdo, mas suas citações mostram que tais questionamentos podem nos levar à conclusão da relatividade da existência, ou seja, existimos na medida em que nossa existência é reconhecida pelo outro, *in verbis*:

“Neste capítulo temos de nos perguntar se, em algum sentido, há efectivamente matéria. Há uma mesa com uma certa natureza intrínseca, e que continua a existir quando não estou a olhar, ou é a mesa apenas um produto da minha imaginação, uma mesa onírica num sonho muito prolongado? Esta pergunta é da maior importância. Pois se não pudermos ter a certeza da existência independente de objectos, não podemos ter a certeza da existência dos corpos das outras pessoas, e conseqüentemente ainda menos das mentes das outras pessoas, pois não temos razões para acreditar nas suas mentes excepto as que derivam da observação dos seus corpos. Assim, se não podemos ter a certeza da existência independente de objetos, ficaremos sozinhos num deserto – pode ser que todo o mundo exterior nada seja senão um sonho, e que só nós existamos.(sic)...”

¹ Os problemas da filosofia, p. 69.

A dúvida da existência da matéria tem ponto importante nos estudos da física², especialmente na física quântica, que comprova que toda matéria é composta de átomos e os átomos em si, em sua maior parte, são compostos de um amplo vazio, na medida em que o átomo é composto por *prótons* e *nêutrons* dentro de um núcleo minúsculo, sendo a sua maior parte consistente no vazio que existe entre esse núcleo, hipoteticamente estático, e os elétrons que se movimentam na órbita do núcleo³.

A física já foi além do núcleo do átomo que seria estático, demonstrando, com a teoria das cordas, que nem mesmo ele o é. Além disso, o que parece óbvio a respeito do funcionamento da mecânica de Newton sobre o comportamento dos corpos, não o é para o campo subatômico. Ou seja, a teoria de Newton não tem validade para o campo subatômico e a física está tentando, há muito, ainda sem êxito, desenvolver uma teoria uniforme para todos os corpos, o que está muito bem relatado por Stephen Hawking⁴.

Enfim, se as dúvidas existenciais e funcionais podem ser suscitadas em relação aos corpos materiais que são sensíveis aos seres humanos, com a possibilidade de serem medidos, pesados, enfim, serem conhecidos de uma maneira racional e empírica, dúvidas maiores, também existenciais podem surgir na compreensão e estudo do ser humano, especialmente, em sua parte imaterial.

Toda a filosofia se resume justamente nesta questão, pois embora Kant, em seu tratado sobre a lógica, tenha resumido como sendo quatro as questões que delimitam a filosofia: *1) O que eu posso saber? 2) O que eu devo fazer? 3) O que eu posso esperar ? 4) O que é o homem? (Was ist*

² "O termo física deriva dessa palavra grega e significava, originalmente, a tentativa de ver a natureza essencial de todas as coisas" Fritjof Capra, *O Tao da Física*, p. 23

³ Fritjof Capra, *As conexões ocultas- Ciência para uma vida sustentável*.

⁴ *Uma nova história do tempo*.

der Mensch), ele mesmo, nesta mesma obra, diz que “no fundo, tudo isto se poderia reduzir à antropologia, porque as três primeiras perguntas se referem à última.”

Desde os tempos remotos o homem se esforça para se conhecer. Já dizia a inscrição no Templo de Pitágoras “*Conhece-te a ti mesmo*”, cuja filosofia foi adotada posteriormente por Sócrates, incluindo que tal proeza seria necessária para que o ser humano pudesse também cuidar de si mesmo.

Diálogo de Sócrates com Alcibíades sobre o “Conhece-te a ti mesmo” (Platão, *Alcibíades*, 128d-12):

Sócrates — Agora, qual será a arte pela qual poderíamos nos preocupar conosco?

Alcibíades — Isto eu ignoro.

Sócrates — Em todo o caso, estamos de acordo num ponto: não é pela arte que nos permita melhorar algo do que nos pertence, mas pela que faculte uma melhoria de nós mesmos. *Alcibíades* — Tens razão.

Sócrates — Por outro lado, acaso poderíamos reconhecer a arte que aperfeiçoa os calçados, se não soubéssemos em que consiste um calçado?

Alcibíades — Impossível.

Sócrates — Ou que arte melhora os anéis, se não soubéssemos o que é um anel?

Alcibíades — Não, isto não é possível.

Sócrates — Entretanto, será fácil conhecer-se a si mesmo? E teria sido um homem ordinário aquele que colocou este preceito no templo de Pytho? Ou trata-se, pelo contrário, de uma tarefa ingrata que não está ao alcance de todos? *Alcibíades* — Quanto a mim, Sócrates, julguei muitas vezes que estivesse ao alcance de todos, mas algumas vezes também que ela é muito difícil.

Sócrates — Que seja fácil ou não, Alcibíades, estamos sempre em presença do fato seguinte: somente conhecendo-nos é que podemos conhecer a maneira de nos preocupar conosco; sem isto, não o podemos.

Alcibíades — É muito justo.

Bem mais tarde, explorando minuciosamente a questão, Michel Foucault ⁵, dando um sentido um pouco mais amplo à regra do “conhece a ti mesmo” (*gnôthi seautón*) nela englobou a regra do “cuida de si mesmo” (*epimeléia heautoû*). Para Foucault, a ideia do *cuidar de si mesmo* está intrinsecamente ligada a do *conhece a ti mesmo*. Uma não pode subsistir sem a outra. Para cuidar de si mesmo, precisa-se conhecer a si mesmo. O processo de conhecer a si mesmo é em si, um cuidar de si mesmo.

Não se sabe ao certo qual teria sido a ordem primeira: *cuidar de si mesmo* ou *conhecer a si mesmo*. O que a história e a experiência nos ensinam é que o ser humano percebeu, já há muito tempo, que o conhecimento é uma grande ferramenta para cuidar de si mesmo, provendo assim, a própria subsistência e diminuindo o seu sofrimento físico e mental.

Essa afirmação pode ser levada à prova pelo conhecimento primórdio do domínio do fogo, da invenção da roda, do saneamento básico, da luz, do telefone, e de todos os artifícios da medicina que dão ao homem a cada ano, uma maior expectativa⁶ e qualidade de vida.

⁵ *A hermenêutica do sujeito*.

⁶ Conforme pesquisa da Organização das Nações Unidas, a expectativa de vida no mundo aumentou de 46,5 anos, em 1950-1955, para 65, em 1995-2000. O Brasil acompanhou essa evolução, sempre um pouco acima da média mundial: 50,9 anos em 1950-55 para 67,2 em 1995-2000 - mas um pouco abaixo da média da América Latina (de 51,4 a 59,3 anos). O recordista de expectativa de vida é o Japão, com 80,8 anos. In: <<http://www.comciencia.br>>..

E, em relação à moral, antes ditada exclusivamente pelas religiões, o ser humano, pela evolução do direito, tem percebido também grandes avanços, legitimando valores relativamente atuais, como a igualdade entre os seres humanos a dignidade humana, que são princípios legais que contribuem para o bem social.

Aqui, a questão importante a se registrar é que, antigamente, a desigualdade social, a falta de dignidade de alguns seres humanos, entre eles as mulheres e os escravos, eram princípios legais e morais que tinham por objetivo o bem social. Ou seja, eram valores conhecidos e cultuados como se a ordem dependesse da desigualdade ou da falta de dignidade, como por exemplo, com relação à escravidão dos negros que era legal, e para alguns, garantia o bem estar da sociedade.

Na medida em que o ser humano conhece a si mesmo, ou seja, a sociedade conhece a si mesma, cuida de si mesma, desta dialética surgem novos princípios e regras para alcançar o mesmo bem social, possuindo o direito a função de solidificar esse novo conhecimento da sociedade, e permitir sua modificação.

O ser humano procura progredir para viver melhor. Do ponto de vista da filosofia, para alguns esta evolução estaria no descobrimento da verdade. Todavia, para Foucault, existe uma análise prévia, ou seja, a pesquisa filosófica consiste

“não certamente sobre o que é verdadeiro e sobre o que é falso, mas sobre o que faz com que haja e possa haver verdadeiro e falso, sobre o que nos torna possível ou não separar o verdadeiro do falso. Chamemos “filosofia” a forma de pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade,

forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade.”⁷

O mesmo autor, nesta obra, revela que a espiritualidade, neste contexto filosófico de busca da verdade, seria:

“o conjunto de buscas”, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência, etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade. Digamos que a espiritualidade, pelo menos como parece no Ocidente, tem três caracteres. A espiritualidade postula que a verdade jamais é dada de pleno direito ao sujeito. A espiritualidade postula que o sujeito enquanto tal não tem direito, não possui capacidade de ter acesso à verdade. Postula que a verdade jamais é dada ao sujeito por um simples ato de conhecimento, ato que seria fundamentado e legitimado por ser ele o sujeito e por ter tal e qual estrutura de sujeito. Postula a necessidade de que o sujeito se modifique, se transforme, se desloque, torne-se em certa medida e até certo ponto, outro que não ele mesmo, para ter direito a (o) acesso à verdade. A verdade só é dada ao sujeito a um preço que põe em jogo o ser mesmo do sujeito. Pois, tal como ele é, não é capaz de verdade (...) Isso acarreta como consequência, que deste ponto de vista não pode haver verdade sem uma conversão ou sem uma transformação do sujeito (...).⁸

⁷ Idem, p. 19.

⁸ Idem, p. 19

Dando continuidade ao raciocínio, Foucault explica que espiritualidade indicaria que a transformação do ser humano se daria através de “*um movimento que arranca o sujeito de seu status e de sua condição atual (movimento de ascensão do próprio sujeito; movimento pelo qual, ao contrário, a verdade vem até ele e o ilumina)*”⁹ a que se dá o nome de Eros (amor). Além de Eros, o ser humano estaria dotado do trabalho, do trabalho consigo mesmo, para “*elaboração de si para consigo, transformação progressiva de si para consigo em que se é o próprio responsável por um longo labor que é o da ascese (askesis).*”

Como pode ser observado, o estudo do ser humano merece uma atenção redobrada, pois tenta conceituar algo que nem sequer conhece a si mesmo. Além disso, o próprio ser, objeto de estudo, questiona não somente a própria verdade, mas se, de fato, há alguma verdade ou falsidade sobre seu próprio ser, que está em constante movimento.

Assim, a definição que se encontre do ser humano em um momento pode ser diferente daquela alcançada em outro, dada sua constante mutação em uma tentativa de “*elaboração de si para consigo*”¹⁰, nas palavras de Foucault.

Ademais, a dificuldade no estudo do ser humano decorre de não ser ele um objeto, como reconhece Kant no texto citado, ou seja, apesar de sentirmos externamente os objetos em um espaço onde podem ser determinados ou determináveis sua *figura, magnitude e relações possíveis*, no sentido interno, a *mente humana intui a si mesma*, porém não lhe dá uma intuição da própria alma como objeto, do que se pode concluir ser ainda mais difícil a apreensão da figura, da magnitude e das relações possíveis da alma consigo mesma, e com as outras almas.

⁹ Idem, p.20

¹⁰ Idem, p.20

2. Corpo e Alma

Segundo as escrituras sagradas, para o judaísmo e para o cristianismo, o homem foi criado por Deus, *a sua imagem e semelhança*. (Gênese, 1:26). Se adotássemos essa visão primordial do judaísmo e do cristianismo, teríamos que conhecer a concepção de Deus ¹¹, pois, através Dele, o criador, conheceríamos a criatura criada a sua imagem e semelhança. Porém, esta tarefa não seria nada fácil, tendo em vista as inúmeras definições de Deus, algumas até mesmo contraditórias, como disse Karen Armstrong. Além disso, partindo deste princípio de pesquisa também descartaríamos a premissa dos céticos, segundo a qual Deus é criação do homem, e não o homem Dele. Em todo o caso, é senso comum nas religiões (nas mais diversas escrituras agradas) que o ser humano é dotado de **corpo** e de **alma**.

Da mesma forma, os pensadores também reconhecem a presença do corpo e da alma, no ser humano, porém dividem-se em duas correntes: a dos monistas e a dos dualistas. Os monistas defendem que o Universo se compõe de uma só substância,

“e que todas as coisas são regidas por uma só lei, que é a lei da natureza, lei esta a que se sujeita a totalidade dos fenômenos, sejam eles físicos, psíquicos, ou de qualquer outra ordem. De acordo com tal pensamento, não há diferença essencial entre a matéria e o espírito, o corpo e a alma, o físico e o psíquico, que nada mais são do que manifestações diversas de uma única substância.” ¹²

¹¹ “A palavra ‘Deus’ não contém uma ideia imutável; ao contrário, contém todo um espectro de significados, alguns dos quais contraditórios ou até mutuamente exclusivos”, diz Karen Armstrong, *op. cit.*, p. 10.

¹² Goffredo da Silva Telles, Jr., *A criação do direito*.

Os monistas, por sua vez, se dividem em materialistas e espiritualistas: os primeiros sustentam que a única substância existente é a matéria, e os segundos, o espírito. Já os dualistas, entendem que há duas substâncias distintas: o corpo e a alma, com essências diferentes.

Para o estudo do objetivo do ser humano a questão sobre a existência de uma ou de duas substâncias universais não é relevante. Importante apenas, será admitir que o ser humano é constituído de um corpo e de uma alma (*anima*), e esta em seu sentido lato, ou seja, abrangendo todos os outros conceitos possíveis: *mente, espírito, psique, consciência*, a fim de evitarmos contradições de conceitos religiosos e uniformizarmos a linguagem.

Basta-nos, portanto, a constatação, despida de qualquer religiosidade tradicional, de que o ser humano é constituído de duas partes: uma material, denominada de **corpo**, e outra imaterial, que denominaremos de **alma** ¹³.

3. Para onde vamos ?

Partindo-se do pressuposto de que o ser humano é um ser composto de alma e corpo, o que dizem alguns dos filósofos respondendo a pergunta, para onde vamos?

Hobbes ¹⁴ diz que há nos animais dois tipos de movimentos: *os vitais* consistentes naqueles nos quais os seres dependem para a sobrevivência do corpo, como circulação do sangue, pulsação, respiração, digestão, nutrição; e os *movimentos animais, ou voluntários*, como andar, pular, correr, pegar, morder etc, estando o início destes movimentos voluntários na sensação, que seria “*o movimento provocado nos órgãos e partes inferiores do corpo do homem pela ação das coisas que*

¹³ E cada uma delas comportando inúmeras subdivisões de acordo com a doutrina a ser adotada.

¹⁴ *Leviatã*, p. 15.

vemos, ouvimos, etc...”. A *imaginação* seria o resíduo deste movimento “*que permanece depois da sensação*”. E, ato contínuo, a sequência de imaginações denominou-se de *discurso mental*. Por essa ideia, concluímos a importância desse movimento, denominado *discurso mentalo*. Esse movimento interno, de *discurso mental*, é que faz com que o ser humano tente se conhecer e se cuidar, para que possa não apenas sobreviver, mas sobreviver bem, em relação a si mesmo e ao outro.

Conta Platão ¹⁵ que, na gênese, Deus teria criado o ser humano dotado de alma, na qual, “*misturado ao prazer e à dor apareceria o desejo e, além destas paixões, o medo, a cólera, e as afeições suas resultantes, ou as que são naturalmente contrárias*”. Segundo ele, “*se os homens dominassem essas afeições, viveriam na justiça; se se deixassem por elas dominar, viveriam na injustiça*”.

Aristóteles¹⁶ por sua vez, diz que “*a alma é bipartida, uma parte sendo irracional e a outra capacitada de razão*”, muito embora, sejam elas “*partes inseparáveis como os lados convexo e côncavo de uma curva*”. A parte irracional, para ele, seria dupla, sendo uma vegetativa, que não participa, de maneira alguma, do princípio racional, e a outra, que é a sede dos apetites e do desejo em geral, que participa de um certo modo, do princípio racional, sendo obediente e submissa a ele.

Santo Agostinho¹⁷, por sua vez, no auge do seu diálogo demonstra a luta interna em busca da verdade, reconhecendo que “*pratica-se uma infâmia, quando a alma não refreia os afetos de onde nascem os prazeres carnis. Assim, se a própria alma racional é viciosa, os erros e as falsas opiniões contaminam a vida*”.

¹⁵ *Timeu e Critias ou a Atlântida*, p.64

¹⁶ *Ética a Nicômaco*, p. 61

¹⁷ *Confissões.*, p.291

E, por fim, a teoria hegeliana ¹⁸, segundo a qual o movimento da alma consigo mesma se dá através da dúvida. Para ele, esse caminho

“pode ser considerado o caminho da dúvida [Zweifel] ou, com mais propriedade, caminho do desespero [Verzweiflung]; pois nele não ocorre o que se costuma entender por dúvida: um vacilar nessa ou naquela pretensa verdade, seguido de um conveniente desvanecer-de-novo da dúvida e um regresso àquela verdade, de forma que, no fim, a coisa seja tomada como era antes.”

O ser humano tem a convicção de que seu corpo está destinado ao crescimento, envelhecimento, e à morte. O primeiro e o terceiro estágios são certos, o segundo, só a alguns, favorecidos ou não. Porém o ser humano não tem ainda, salvo crendices, certeza do destino de sua alma, nem tampouco a consciência de todos os movimentos que nela ocorrem¹⁹. O que se mostra, pela narrativa dos filósofos acima citados, é que há na alma humana um ou vários movimentos que fazem com que ela se conheça, e procura conhecer o que está fora dela, através de um processo de dúvida, de desespero, em busca de equilibrar seus instintos mais fortes. E não há dúvida que o que provoca este movimento é a dor, a dor da angústia, angústia em duvidar, o que é, de onde vem, e para onde vai.

De onde viemos é uma questão que deve ser respondida pela antropologia. Quem somos e para onde vamos, isso pode ser, ao menos tentado, respondido pela filosofia. As religiões distinguem-se com relação ao sentido do que somos e para onde vamos. Para os judeus, a alma será

¹⁸ *Fenomenologia do espírito*, p. 339

¹⁹ Para Hegel, na *Estética*, p.49, este seria o fim último da arte: “Despertar a alma...”... Ela “oferece-nos, num dos seus aspectos, a experiência da vida real, transportando-nos a situações que a nossa pessoal existência nos não proporciona nem proporcionará jamais, situação de pessoas e ela representa, e assim graças à nossa participação no que acontece a essas pessoas, ficamos mais aptos a sentir profundamente o que se passa em nós mesmos ?De um modo geral, o fim da arte consiste em pôr ao alcance da intuição o que existe no espírito do homem, a verdade que o homem guarda no seu espírito, o que revolve o peito e agita o espírito humano.”

elevada a uma condição de salvação, e, portanto, ausência de sofrimento, com a vinda do Messias. Virá alguém para expurgar o sofrimento do ser humano e levá-lo a um lugar de perfeita paz e harmonia.

Para os cristãos, esse Messias já veio (e é essa basicamente a diferença entre o judaísmo e o cristianismo) representado na figura de Jesus Cristo. O cristão que seguir a mensagem de Cristo, especialmente, de amor, se elevará ao Reino de Deus libertando-se de todos os sofrimentos (*Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim* – Evangelho de João, 14,6). Para os budistas, a alma do ser humano já está livre, mas não tem consciência desta liberdade. Enquanto não toma esta consciência, a alma está presa na sua própria ignorância, e daí decorre o todo o seu sofrimento ao formar uma identidade, nela acreditar, e por isso, cria artifícios para defendê-la.

Assim, a tarefa da alma é de, especialmente pela compaixão, tomar consciência de seu estado liberto, ausência de identidade, e de sua infinitude. Ou seja, para o budismo, o sentido do movimento da alma é tornar-se lúcida, e assim, tomar consciência de si, no estado chamado *enlightment*, ou iluminação. O objetivo é cessar o sofrimento causado pela ignorância.

Na filosofia, Hannah Arendt ²⁰, descreve que se a alma dos animais movimenta-se apenas para a sua própria sobrevivência, atendendo às paixões do corpo, a alma dos homens pode atingir outros níveis. Segundo ela:

“A diferença entre o homem e o animal aplica-se à própria espécie humana: só os melhores (os aristoi), que constantemente provam ser os melhores

²⁰ *A condição humana*, p. 28.

(aristeuein, verbo que não tem equivalente em nenhuma outra língua) e que preferem a fama imortal às coisas mortais”, são realmente humanos; os outros, satisfeitos com os prazeres que a natureza lhes oferece, vivem e morrem como animais.”

Plotino situou o ser humano entre “os deuses e os animais; às vezes tende para uns, às vezes para outros; alguns homens assemelham-se aos deuses, outros às feras a maioria fica no meio”²¹. Desta forma, considera que há um movimento da alma do homem próxima à alma dos animais em direção a alma dos deuses, considerando, evidentemente, serem estas melhores do que aquelas.

Santo Agostinho²², por sua vez, enumera os sete graus de ascensão da alma: No primeiro grau a alma “vivifica com sua presença este corpo terreno e mortal, ela o unifica, e o mantém organizado como corpo vivo, e não permite que se dissolva nos elementos de sua composição orgânica.” Neste grau a alma dos seres humanos está no mesmo nível da alma dos vegetais, fazendo a função basilar de animar o corpo.

No segundo grau, já diferenciando a alma dos seres humanos a dos vegetais, a alma concentra-se no

“tato, e por meio dele sente e identifica o quente e o frio, o áspero e o suave, o duro e o macio, o leve e o pesado. E saboreando, cheirando, ouvindo e vendo, distingue diferenças inúmeras de gostos, cheiros e sons e formas. Apetece ali o que lhe agrada à natureza corporal, repelindo o que desagrade. Por algum tempo se retira dos sentidos, reparando as forças no descanso, onde deixa correr

²¹ Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*, verbete correspondente.

²² *Sobre a potencialidade da alma – De quantitate animae.*, p. 153

livremente a imagem das coisas obtidas pelos sentidos, e o faz no sono e nos sonhos. Através do exercício, movimenta-se prazerosamente, compondo a harmonia dos membros. Enquanto possível, procura a união dos sexos, e da natureza de dois faz uma só, no amor e na sociabilidade. Não só gera filhos, como os abriga, protege e alimenta. Acostuma-se ao meio ambiente, e às coisas que lhe sustentam o corpo, das quais dificilmente quer se afastar, Omo se fossem uma parte sua. E à força de costume, que nem a separação das coisas impede, chama-se memória (sensível)”.

Este segundo grau de ascensão da alma humana é acessível aos animais irracionais, ou seja, o ser humano que vivesse neste segundo grau, em nada se diferenciaria aos animais irracionais, vivendo apenas para o seu próprio sustento, tendo relações sexuais, abrigando e alimentando a si e sua da prole.

No terceiro grau, a alma do ser humano se distingue da dos animais irracionais. É neste terceiro grau que a razão, a imaginação e a criação do ser humano terão expressão nas:

“variedades de artes e técnicas, no cultivo dos campos, na construção de cidades, e realizações de todos os tipos de grandezas produzidas”... “na variedade de idiomas, nas instituições sociais, em tanta coisa nova surgida sempre, como na recuperação de outras”... “na variedade de livros, e em todos os monumentos erguidos e entregues ao cuidado das gerações futuras”... “nos poderes constituídos, nas honras e dignidades, seja na família como na sociedade”...”nas cerimônias profanas e sagradas, na paz e na guerra” ...”na cautelosa produção oratória, na arte poética, e muitas outras criações destinadas

à diversão, aos esportes, à prática musical, a precisão da arte de calcular, e as conjecturas do futuro a partir das realizações do presente”.

De acordo com o Bispo de Hipona, grandes são estas coisas e próprias somente do ser humano, porém, serão *“comuns aos estudiosos e aos ignorantes, aos bons e aos maus”*.

Já no quarto grau de ascensão da alma, começa a manifestação da bondade do ser humano. É nele em que:

“a alma ousa sobrepor-se não somente ao corpo – que é parte integrante ao universo – mas ao mesmo universo. Não considera coisas suas os bens deste mundo, aprende a estimar sua potência e beleza acima destes bens, pois distingue os valores, e menospreza os bens apenas terrenos. Quanto mais aproveita o uso destes bens, tanto mais deles se afasta, libertando-se de toda a imperfeição, fazendo-se mais pura e mais perfeita, fortificando-se contra tudo o que pode afastá-la do seu propósito e decisão.”

Neste grau ainda há *“muito esforço e muita luta contra os empecilhos e seduções do mundo. No mesmo esforço pela sua purificação, existe ainda um certo medo da morte, pequeno às vezes, e muito grande em certos casos.”* Neste estágio a alma ainda luta consigo mesma de maneira ferrenha, e embora saiba distinguir o certo do errado, ainda age da maneira errada.

No quinto grau a alma está *“livre de toda imperfeição, e purificada de seus pecados”* alegrando-se de si mesma. Neste estágio a alma *“nada mais teme, nem se intranqüiliza por coisa alguma, a menor que seja, nos assuntos interiores”* compreende plenamente sua grandeza, e, pode

tender à “*contemplação mesma da verdade, e ao altíssimo e secretíssimo prêmio pelo qual se esforçou tanto*”. Neste grau a alma já sabe o que é o certo, e já o pratica, tendo diminuído sensivelmente a sua luta consigo mesma, e embora esteja purificada de seus pecados, consegue contemplar a possibilidade de os praticar novamente, porém, não cede mais às seduções do mundo aos quais ficava submetida no estágio anterior.

No sexto grau a alma livre de toda imperfeição, e já purificados os seu olhar, procura “*conservar e reafirmar a sua integridade moral*” dirigindo “*o olhar de modo sereno e adequado ao que deve ser visto*”. Neste grau, a alma se expressa na própria compreensão de si mesma, “*Mas a tendência a compreender aquilo que realmente é a alma, e o é de modo mais sublime, vem a ser também a mais alta expressão da alma, e nada existe mais perfeito, melhor e mais correto.*”

O sétimo e último grau, ele diz, “*já não é um grau, é certa mansão ou morada onde se chega através dos graus.*” Porém reconhece Santo Agostinho desconhecer “*com que palavras dizer das alegrias do bem supremo e verdadeiro, ou que inspiração terá a alma em sua serena eternidade*”. O que ele pode afirmar é que neste grau, é “*tão grande a alegria de contemplar a verdade, seja sob que aspecto a contemplemos, é tamanha a perfeição, a fé inabalável nas coisas verdadeiras, que ninguém suporá ter sabido realmente alguma coisa antes, ao supor saber algo, sem ter contemplado a verdade ela mesma.*”

Nietzsche²³, por sua vez, descreve o sentido do movimento da alma do ser humano, que, para ele está próxima ao macaco, para que possa ir até o homem, e além do homem, ou seja, o super-homem²⁴:

²³ Friedrich Nietzsche, *Assim falava Zaratustra – Um livro para todos e para ninguém*, p.362.

²⁴ ou Além-homem (*übermensch*).

“Eu vos proponho o Além-homem. O homem é algo a ser superado.” “Até então, todos os seres criaram algo que os ultrapassou; quereis ser o refluxo dessa grande maré e retornar ao animal, em vez de superar o homem”? (...) Que é o símio para o homem ? Uma irrisão ou uma dolorosa vergonha. Pois tal deve ser o homem para o Além-Homem: uma irrisão ou uma vergonha. Percorrestes o caminho que vai do verme ao homem, tendes ainda em vós muito do verme. Outrora fostes símios e até hoje o homem é ainda mais símio que todos os símios. Até o mais sábio entre vós é um ser indeciso e híbrido entre planta e fantasma. Acaso vos aconselhei que vos tornásseis planta ou fantasma ?

Eis, eu vos ensino o Além-Homem.

O Além Homem é o sentido da terra. Assim fale a vossa vontade: possa o Além-Homem tornar-se o sentido da terra!”

Pela descrição do filósofo prussiano o tal super-homem, ou Além-Homem seria um grau de evolução da alma do homem, e não uma outra espécie de ser vivo. A comparação evolucionista que ele faz do homem com o verme e o macaco tem fins unicamente didáticos, demonstrando a possibilidade de ascensão do homem.

Aristóteles ensina seu filho Nicômaco que o homem deve se afastar da sua natureza bestial para se aproximar de outra de excelência moral, sendo o cultivo das virtudes, o melhor método para obtenção de tal fim. Afirma ainda, que é o homem virtuoso aquele mais feliz ²⁵.

²⁵ “A felicidade, como afirmamos, requer tanto virtude completa quanto vida completa”, *Ética a Nicômaco*, p. 55.

Hegel ²⁶ deixou uma lição ainda mais sutil, mais parecida com o budismo, segundo a qual há um movimento dialético da alma consigo mesma, de forma a possibilitar, através da intuição, a elevação da consciência natural, que é relativa, à consciência do Absoluto. Para ele:

“o Absoluto não deve ser expresso em conceito, mas somente sentido e intuído. Não é o seu conceito, mas seu sentimento e sua intuição que devem tomar a palavra e receber a expressão”.

...

“O Belo, o Sagrado, o Eterno, a Religião e o Amor são apenas “iguarias que se exigem para despertar o prazer de provar”. O apoio e a difusão progressiva da riqueza da substância devem ser buscados não no conceito, mas no êxtase, não na necessidade da coisa que procede friamente, mas no fervido entusiasmo.”

Durante esse movimento, porém, diz o filósofo, há uma exigência:

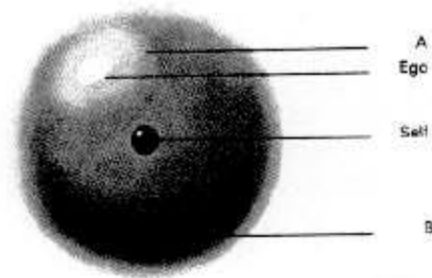
“que corresponde o esforço tenso e quase violento e irritado para arrancar os homens do seu afundamento no sensível, no comum e no singular, e para dirigir seu olhar para as estrelas como se eles, totalmente esquecidos do divino, estivessem a ponto de se contentar, como o verme da terra, com a lama e água.”

Jung, por sua vez, reconhece que há dentro da alma humana duas partes: uma consciente e outra inconsciente. O ego seria o núcleo da parte consciente, o *self*, o núcleo da parte inconsciente,

²⁶ *Fenomenologia do espírito*, p. 298.

mas também o núcleo de toda a alma. Há uma parte da alma, denominada sombra, que seria a parte que o ser humano nega existir em si mesmo.

Tal expressão da alma pode ser objeto de observação na seguinte imagem:



Essa seria, para Jung, uma fotografia didática da alma. E, em sua teoria, o movimento de individuação²⁷ do ser humano compreende o percurso do caminho do consciente (A), que é a parte clara, e cujo núcleo é o ego, até o inconsciente (B), que é parte negra e parte cinzenta (sombra). Neste caminho, o indivíduo transforma o inconsciente em consciente, e desloca-se do núcleo do consciente (*ego*), ao núcleo de toda a alma, o *self*, tendo-se assim a consciência plena de si. Esse caminho se dá com a realização da sombra, a consciência da *anima* e do *animus*, que seriam os arquétipos feminino e masculino no interior da alma, e por fim, o encontro com o *Self* que é o núcleo mais profundo da alma, onde o ser deixa de lado todo e qualquer processo mental de imitação inconsciente. A realização da sombra ocorre “quando a pessoa fica consciente (e muitas vezes envergonhada) das tendências e impulsos que nega existirem nela mesma, mas que consegue perceber perfeitamente nos outros”. Seria a sombra, a parte bestial da alma, o que os maniqueístas chamariam de mal. A *anima*, segundo Jung, “é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem – os humores e sentimentos instáveis, as intuições

²⁷ ou maturidade da alma.

proféticas, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e, por fim, mas nem por isso menos importante, o relacionamento com o inconsciente.”

Esse diálogo do consciente com o inconsciente mediado pela *anima* ocorre, para ele, em quatro estágios:

“O primeiro está bem simbolizado na figura de Eva, que representa o relacionamento puramente instintivo e biológico; o segundo pode ser representado pela Helena de Fausto: ela personifica um nível romântico e estético que, no entanto, é também caracterizado por elementos sexuais. O terceiro estágio poderia ser exemplificado pela Virgem Maria – uma figura que eleva o amor (Eros) à grandeza da devoção espiritual. O quarto estágio é simbolizado pela Sapiência, a sabedoria que transcende até mesmo a pureza e a santidade, como a Sulamita dos Cânticos de Salomão. (No desenvolvimento psíquico do homem moderno este estágio é raramente alcançado. Talvez seja a figura da Mona Lisa a que mais se aproxima deste tipo de anima)”

O *animus*, por sua vez, é a personificação de todas as tendências psicológicas masculinas na alma da mulher, a receptividade do racional, os sentimentos estáveis, a obstinação fria, e também, a capacidade de relacionamento com o inconsciente. Da mesma forma que a *anima*, o *animus* possui quatro estágios de desenvolvimento: “o primeiro é uma simples personificação da força física – por exemplo, um atleta ou “homem musculoso”; no estágio seguinte, o *animus* possui capacidade de planejamento, seria o “homem romântico”; no terceiro, é o “homem realizador”, ativo, prático, criador, onde o *animus* é a personificação do “verbo”; e no quarto e último estágio, o *animus* personifica “o pensamento”, e, é nesta fase superior que “o *animus* se torna o mediador de uma

experiência religiosa através da qual a vida adquire novo sentido”. Dá à mulher uma firmeza espiritual e um invisível amparo interior, que compensam a sua brandura exterior”.

E por fim, se *“um indivíduo lutou séria e longamente com a sua alma ou o seu animus de maneira a não se deixar identificar parcialmente com eles, o inconsciente muda o seu caráter dominante e aparece numa nova fase simbólica, representada pelo self, o núcleo mais profundo da psique.”*

As relações matrimoniais, do ponto de vista psicológico, têm a função de mediar o diálogo da parte consciente com a parte inconsciente da alma. Ou seja, o outro, na relação matrimonial, faz a função, dos arquétipos masculinos e dos femininos, e ainda da sombra; faz o papel de espelho para que a parte consciente da alma perceba a sua parte inconsciente, e assim, atinja uma compreensão completa e mais real de seu próprio ser. Uma consegue se enxergar através da outra, dando-se conta, desta forma, da sua integralidade. Esse processo não é simples, nem rápido. A própria percepção da existência desse processo mental de compreensão e a sua fenomenologia é tarefa árdua e sutil.

Maslow, analisou o sentido do movimento da alma, e portanto, seu comportamento, através da sua conhecida Pirâmide de 5 degraus: o primeiro, e mais básico, seria o degrau das necessidades fisiológicas, como comer, beber, ter relações sexuais, dormir etc; o segundo se refere às necessidades de segurança, como defesa, proteção, emprego, abrigo etc; o terceiro se refere às necessidades sociais, como ter relacionamento, amar, fazer parte de um grupo; o quarto degrau está ligado às necessidades de autoestima, reconhecimento e status; no quinto e último degrau está a necessidade de autorrealização, ligado ao desenvolvimento pessoal e às conquistas da pessoa humana.

O primeiro e segundo estágios parecem estar ligados mais ao corpo do que à alma, ao passo que se referem às questões diretamente ligadas ao corpo, como necessidades fisiológicas, ou de proteção. Porém, mesmo as necessidades fisiológicas têm sua origem da alma. Muito embora a biologia possa nos dizer qual a espécie de comida e a quantidade para se ter um corpo saudável, é a alma deste corpo que, diante de determinada quantidade ou qualidade de comida, se sentirá satisfeita. Ou seja, ainda que os nutricionistas comprovem quantas calorias sejam suficientes para tal corpo subsistir bem, será a alma deste corpo que dirá a ele e regerá as suas reações para que ele se sinta satisfeito, e conseqüentemente, a conscientização da realização deste primeiro degrau da pirâmide de Maslow. Da mesma forma se dá com o segundo degrau. Ninguém pode concluir que um determinado ser humano está seguro, se a sua própria alma o disser o contrário.

Enfim, de acordo com essa pirâmide, Maslow estruturou as carências humanas, e com isso, o sentido da alma para preenchê-las. Diz ele que a alma do ser humano não pensará em segurança, se não tiver com suas necessidades fisiológicas satisfeitas. Da mesma forma não se sentirá satisfeita apenas com a realização das necessidades fisiológicas, e de segurança. Ela desejará estar em um grupo social. Depois de estar em um grupo social, a alma do ser humano desejará ter autoestima, reconhecimento e status dentro deste grupo. E, em seguida, após alcançar essas necessidades, pensará na autorrealização.

Contudo, a escalada nesta pirâmide pode ser interrompida caso uma das necessidades das bases deixem de ser supridas. Isto é, a alma do ser humano retorna ao estágio inferior tão logo lhe falte qualquer das necessidades inferiores. Se um ser humano está no degrau da autorrealização, mas ocorre alguma carência do primeiro degrau que o deixe correndo o risco de morrer de fome,

saltará, sem titubear, do último estágio para o primeiro mais básico, a fim de suprir as suas necessidades fisiológicas e garantir a sua sobrevivência.

Há um movimento dinâmico nesta escalada, pois não há garantia de que, assim que supridas as necessidades mais básicas, e, tendo a pessoa alcançado o degrau superior, aquelas não voltarão a faltar. De qualquer forma, diante desta pirâmide comportamental, podemos concluir que todo ser humano estará com sua alma motivada para saciar essas necessidades.

Disto tudo, afigura-se evidente que a alma do ser humano está em constante movimento, e esse movimento tem um sentido, que seria o da busca da excelência moral, para Aristóteles, do Além-Homem, para Nietzsche, do sétimo grau de ascensão, segundo Santo Agostinho, do Absoluto para Hegel, da autorrealização, segundo Maslow.

4. Conclusão

Não há divergência entre os pensadores quanto à necessidade de um trabalho árduo, contínuo e persistente em busca de tais objetivos. A divergência talvez esteja apenas na forma da linguagem, pois enquanto alguns usam o termo “excelência moral”, o outro diz “autorrealização”, ambos para nomear o mesmo estágio da alma. Da mesma forma, o sétimo grau de ascensão da alma de Santo Agostinho, pode ser equivalente ao Além-Homem de Nietzsche, e talvez todos eles sejam o mesmo que chegar ao Reino de Deus ou à iluminação. .

Agora se há este lugar para se chegar, que é belo, verdadeiro e sem sofrimento. só sabemos pela experiência. Se adotarmos pelo método científico que entrevistarmos mais de 2000 pessoas para dizerem se algum dia já chegaram em um estágio sem dor, de plena alegria, de sensação

serena, de paz, de harmonia, independentemente da situação que ocorria em volta, certamente encontraremos, em todas elas, a resposta positiva.

Todo mundo, independente de qualquer crença, ainda que por alguns segundos, teve esta sensação de bem estar. Cada um poderá relatar a sua experiência de um jeito, mas certamente irão relatar que tiveram, repito, ainda que por alguns segundos em toda a sua vida, o que estes filósofos chamariam de Absoluto, Super-Homem, Excelência Moral, autorrealização, etc...

Ocorre que, embora todos tenham tido esta sensação, há uma grande dificuldade de se manter nela. Em um primeiro momento, o desafio é sentir isso, e reconhecer que sentiu algo totalmente diferente. Um dia na retribuição de um olhar de amor, outro dia ao entrar na missa ou em um ritual religioso, alguns segundos em volta de uma mesa cheia de amigos, ou de pessoas queridas, dentro de um avião indo viajar para algum lugar que queria muito, ou no dia do nascimento de um filho, no dia do casamento, ou no dia em que recebe o diploma de mestre ou de doutor. Enfim, são inúmeros momentos que podem nos levar a este lugar de autorrealização. Mas como fazer para manter a alma neste lugar? Este é o desafio de muitas religiões e de muitas filosofias.

O importante é constatar que Este lugar existe, e que há vários caminhos para seguir, por pessoas que já chegaram Lá, e que, por amor, tentam nos levar também. Muitas vezes, por arrogância, não queremos seguir ninguém. Achamos bonitos vários caminhos, seguimos trechos de alguns deles, mas para mantermos a nossa autonomia não nos curvamos a nenhuma religião, nenhuma filosofia, e principalmente a nenhum mestre.

Este sentimento pode ser até positivo, pois dá uma sensação de liberdade. Mas será que esta liberdade é verdadeira? Primeiro é fundamental constatar que não está realmente seguindo ninguém, ainda que inconscientemente. Isto porque, um dos impulsos mais naturais do ser humano é o da imitação. Ou seja, o impulso mais profundo do ser humano é espelhar-se em outro, ou seja, não ser completamente autônomo. Depois de um tempo, o ser humano pode até imitar alguém conscientemente. Mas, quem não quer seguir ninguém, nenhuma seita, religião nem filosofia, normalmente não se dá conta que está imitando alguém. Ainda que este alguém seja o ódio pelo processo de crer, ou seja, a pessoa odeia o caminho daqueles que acreditam em alguém ou em algo, mas acaba crendo no próprio ódio, e portanto, está imitando aqueles que despreza, e seguindo também um caminho de crença. Ele crê na própria razão, na própria existência, que normalmente está com seus alicerces na crença de um “eu penso logo existo”, mas como vimos no início, esta frase tem inúmeros problemas, especialmente na questão do eu.

Muitos filósofos foram expoentes. Muitas religiões têm seus mestres. Todos eles pensaram muito sobre muitas coisas da vida, e como elevar o ser humano a uma situação melhor do que a que se encontra. Será que temos realmente muita coisa nova para pensar sobre esse assunto? Será que os nossos antepassados já não pensaram tudo o que poderiam pensar? Será que não nos cabe apenas escolher algum caminho e segui-lo, ao invés de querer inventar novos caminhos, ou novas palavras para dizerem sobre os mesmos caminhos?

Talvez, para o ser humano chegar a autorrealização, ao super-homem, a excelência moral, ao sétimo grau da alma ou ao Absoluto, basta escolher um dos caminhos que já foram percorridos, e descritos, e assim trilhá-lo com os próprios pés. O fato de escolher um caminho não tira a liberdade, mas somente mostra inteligência de não querer inventar a roda novamente.

Mesmo porque, ao contrário da roda, que pode ser copiada sem grande esforço, o caminho que leva o ser humano ao Absoluto, embora possa ser copiado, requer esforço, e muito esforço, seja para elevar a sua alma até este grau, seja para quando no Absoluto chegar, Nele se manter, e ainda, ajudar os próximos a Nele chegar.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10 ed. Trad. Roberto Raposo, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa, São Paulo: Perspectiva, 2005.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. e notas Edson Bini, Bauru: Edipro, 2002.

_____. **Política**. Coleção “Os Pensadores”, Trad. Therezinha Monteiro Deutsch e Baby Abrão, São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo**. Trad. Marcos Santarrita, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BELLO, Angela Ales. **Culturas e religiões – uma leitura fenomenológica**. 2 ed. Trad. Antonio Angonese, São Paulo: Edusc, 1998

BERGEL, Jean-Louis. **Teoria geral do direito**. 2 ed., Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. Trad. Claudia Berliner; rev. téc./trad. Bento Prado Neto, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O pensamento e o movente: ensaios e conferências**. Trad. Bento Prado Neto, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. Contendo o Antigo e Novo Testamento, Traduzido em português por JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA, Ed. revista e corrigida na grafia simplificada. 83ª Edição. – Imprensa Bíblica Brasileira – Rio de Janeiro – RJ – Brasil – 1995;

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas – Ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix-Amana Key, 2002.

CAMPBELL, Joseph. **Tu és isso: transformando a metáfora religiosa**. Trad. Marcos Malvezzi Leal, São Paulo: Madras, 2003.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 4 ed. rev. e atual., São Paulo: Ed. Gente, 2004.

COMPARATO, Fábio Konder. **Ética: direito, moral e religião no mundo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. Trad. Eduardo Brandão, São Paulo: Martins Fontes, 1995.

DALAI LAMA XIV. **A arte da felicidade: um manual para a vida**. Trad. Waldéa Barcellos, São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano – A essência das religiões**. Trad. Rogério Fernandes, São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Trad. Ruth M. Klaus, São Paulo: Centauro, 2002.

FERRY, Luc. **O Homem-Deus ou O Sentido da Vida**. 3 ed., Trad. Jorge Bastos, Rio de Janeiro: Difel, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2 ed., Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Microfísica do poder**. Org. e Trad. Roberto Machado, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. 2 ed., Org. Manoel Barros da Motta, Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete, Petrópolis: Vozes, 1987.

GÁLIAS, Iraci. Do amor na saúde à saúde do amor. **REVISTA JUNGUIANA** [Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica]. São Paulo: SBPA, v. 23, p. 107-118.

GUERRA FILHO, Willis Santiago. **Para uma Filosofia da Filosofia (conceitos de filosofia)**. 2 ed., Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1999.

HAWKING, Stephen. **Uma nova história do tempo**. Trad. Vera de Paula Assis, Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

HÉBER-SUFFRIN, Pierre. **O “Zaratustra” de Nietzsche**. Trad. Lucy Magalhães, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Trad. Paulo Meneses, 4 ed., Petrópolis-Bragança Paulista: Vozes-Editora Universitária São Francisco, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **O que é a metafísica?**. Trad. Ernildo Stein, 10 ed., São Paulo: Ed. Nova Cultural, ANO?

HERVADA, Javier. **Crítica Introdutória ao Direito Natural**. Trad. Joana Ferreira da Silva, Porto (Portugal): Rés Editora, 1990,

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. 2 ed., Org. Richard Tuck, Trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva, São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HYPOLITE, Jean. **Gênese e estrutura da fenomenologia do espírito de Hegel**. 2 ed., Trad. Sílvio Rosa Filho, 2 ed., São Paulo: Discurso Editorial, 2003.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus símbolos**. 19 ed., Trad. Maria Lucia Pinho, Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, ANO

KANT, Immanuel. **A paz perpétua e outros opúsculos**. Trad. Artur Morão, Lisboa: Edições 70, 2004.

KUNZMANN, Peter, BURKARD, Franz-Peter, e WIEDEMANN, Franz. **Atlas de la Philosophie**. Trad. francesa Zoé Housez e Stéphane Robillard, Paris: La Pochothèque, 1999.

LACAN, Jacques. **O triunfo da religião**. Trad. André Telles, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LELOUP, Jean-Yves. **Jesus e Maria Madalena: para os puros, tudo é puro**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira, Petrópolis: Vozes, 2007.

MONDIN, Battista. **Definição filosófica da pessoa humana**. Trad. Jacinta Turolo Garcia, Bauru: EDUSC, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A origem da tragédia**. Trad. Joaquim José de Faria, São Paulo: Centauro, 2004.

_____. **A vontade de poder.** Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Francisco José Dias de Moraes, Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

_____. **Além do bem e do mal.** Trad. Lilian Salles Kump, São Paulo: Centauro, 2006.

_____. **Assim falava Zaratustra – Um livro para todos e para ninguém.** 2 ed., Trad. Mario Ferreira dos Santos, Petrópolis: Vozes, 2007

_____. **Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é.** Org. Trad. Marcelo Backes, Porto Alegre: L&PM, 2003.

_____. **Genealogia da moral: uma polêmica.** Trad. Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PLATÃO. **A república: [ou sobre a justiça, diálogo político].** Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

REVISTA JUNGUIANA [Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica]. São Paulo: SBPA, n. 1, 1983.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões.** Trad. Raquel de Queiroz (livros I a X) e José Benedicto Pinto (livros XI e XII), Bauru: Edipro, 2008.

RUSSELL, Bertrand. **A conquista da felicidade.** Trad. Luiz Guerra, Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões.** Coleção “Os pensadores”. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. **Mestre.** 3 ed. Trad. Antônio Soares Pinheiro, São Paulo: Landy Editora, 2006.

_____. **Sobre a Potencialidade da Alma – De quantitate animae.** 2 ed., Petrópolis: Editora Vozes, ANO?.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Trad. Paulo Neves, Porto Alegre: L&PM, 2007.

_____. **O ser e o nada – Ensaio de ontologia fenomenológica**. 16 ed. Trad. Paulo Perdigão, Petrópolis: Vozes, 2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre o fundamento da moral**. 2 ed., Trad. Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola, São Paulo: Martins Fontes, 2001.